

OS ESPAÇOS DE LAZER NA CIDADE: SIGNIFICADOS DO LUGAR

Recebido em: 21/08/2011

Aceito em: 20/03/2012

*Emília Amélia Pinto Costa da Silva*¹
Universidade de Pernambuco
Universidade Federal da Paraíba
Campina Grande – PB – Brasil

*Priscilla Pinto Costa da Silva*²
Faculdade Maurício de Nassau
Universidade Federal da Paraíba
Campina Grande – PB – Brasil

*Petruccio Venceslau de Moura*³
Universidade de Pernambuco
Universidade Federal da Paraíba
Recife – PE – Brasil

*Iraquitã de Oliveira Caminha*⁴
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa – PB – Brasil

*Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas*⁵
Universidade de Pernambuco
Recife – PE – Brasil

RESUMO: Este ensaio tece uma reflexão sobre os espaços estruturais da cidade a partir da concepção de lugar, caracterizando os espaços de lazer e lançando desafios para que estes não sejam configurados sem nenhum significado para seus frequentadores. Neste sentido, a pesquisa reforça a ideia do lugar de lazer como um espaço relacional e identitário que proporciona múltiplas vivências interpessoais nos espaços da cidade, bem como destaca que a ausência desses espaços compromete a convivência e o senso de pertencimento das pessoas às cidades. Neste pensar, é necessário que esses espaços sejam atrativos e ofereçam subsídios estruturais a seus frequentadores, pois é por meio

¹ Os autores agradecem a CAPES pela bolsa de mestrado outorgada. Mestranda do Programa Associado UPE/UFPB.

² Professora Mestre da Faculdade Maurício de Nassau e da Universidade Federal da Paraíba.

³ Mestrando do Programa Associado UPE/UFPB.

⁴ Professor Doutor da Universidade Federal da Paraíba.

⁵ Professora Doutora da Universidade de Pernambuco.

dessas características que as pessoas criam relacionamentos e valorizam a forma de uso nas vivências de lazer.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Socialização. Planejamento de cidades. Política social.

LEISURE SPACES IN THE CITY: THE MEANINGS OF PLACE

ABSTRACT: This essay describe a reflection on the spaces of the city from the idea of place, characterizing leisure facilities and setting challenges so they don't get configured meaningless for their users. In this sense, the research reinforces the idea of the place of leisure as a relational space that provides identity and multiple interpersonal experiences within the city's spaces, and emphasizes that the lack of such spaces commits the acquaintanceship and the sense of belonging from people to cities. In this thought, it's necessary that these spaces become attractive and offer structural subsidies to their goers, as it's through these characteristics that people create relationships and appraise the form of use in leisure experiences.

KEYWORDS: Leisure Activities. Socialization. City Planning. Public Policy.

INTRODUÇÃO

O aumento gradativo da população gerou um crescimento desordenado das cidades, destacando os aspectos populacionais e estruturais que conduzem a uma problemática no que se refere à urbanização e infra-estrutura. Seja do ponto de vista da moradia, do transporte público, da distribuição das praças e parques, do saneamento básico, a cidade se configura como uma teia na qual o homem se encontra enraizado. Nesta perspectiva, os espaços da cidade são dinâmicos e heterogêneos, constituídos de habitações precárias, áreas industriais, condomínios fechados de alta renda, shopping centers, parques, hotéis e zona de negócios (VERÁS, 2001).

Entretanto é possível perceber, nas cidades, a diversidade cultural, a troca de conhecimento, a produtividade e a sociabilidade, resultando em um espaço complexo e diversificado. No entendimento de Certeau (1994), o espaço é tido como um “lugar praticado” que está interligado ao tempo, a história e a antropologia, tendo milhares de

praticantes circulando. O autor, ao conceituar a cidade interligada a uma ideia urbanística, favorece as noções de práticas urbanas e, nessas práticas, inserem-se as trajetórias, os itinerários e o cotidiano. Neste sentido, o espaço e o tempo são configurados pelo cotidiano dos indivíduos.

Além disso, na ideia de espaço de Certeau (1994), é provável encontrar os sujeitos praticando seu espaço, renovando e inventando seu cotidiano dentro da cidade, porém, na sociedade atual, as pessoas se tornam cada vez mais individualistas e submetidas a uma temporalidade fundada no provisório e no efêmero. Todavia é necessário pensar os espaços como um meio de relações sociais, oportunizando as vivências de lazer, em que os lugares destinados a essas experiências possam refletir uma visão crítica do cotidiano urbano.

Ao analisar os pontos de estrangulamentos das metrópoles, Magnani (2002) afirma que é possível encontrar “superposição e conflitos de signos, simulacros, não-lugares, redes e pontos de encontros virtuais” Para o autor, o espaço refere-se ao pedaço, sendo este um apontador para distinguir determinados grupos de frequentadores e, são nesses espaços, que se tece as tramas cotidianas. Assim, o espaço da cidade conduz a ideia de troca, socialização, conflitos, tradições, em que os homens se encontram e se relacionam.

Neste contexto, é possível construir uma antropologia da supermodernidade caracterizada pelo sentido do humano, definido como seres que vivem em cidades estruturadas por lugares marcados por uma convivência espacial efêmera. Isso pode ser confirmado nos aeroportos, shoppings, estádios de futebol, considerados destinos de convívios sem laços relacionais sólidos. Além disso, aos poucos, as cidades são

convertidas e mescladas de novos significados, como o medo e a violência, que acarretam um certo afastamento dos indivíduos quanto aos seus espaços.

Neste caso, a sensação de proteção parece ser um sinônimo e uma necessidade de se afastar do outro. Deste modo, devido à desordem social e o crescimento populacional, as cidades configuram-se de novos sentidos, nos quais a falta de segurança, medo e desconfiança são características presentes aos cidadãos nos dias atuais (BAUMAN, 2009). Diferentemente do que acontecia na Idade Média e no início da modernidade, em que as pessoas tinham o interesse de estar juntas e se conhecerem. De fato, hoje se evidencia a proliferação de “não-lugares”, espaço de circulação, de passagem, de consumir ou utilizar, experimentada de forma particular e solitária. Em contrapartida, os lugares são caracterizados como mecanismo identitário, relacional, histórico e incentivador de relação interpessoal e afetiva.

Convém salientar a importância dos espaços públicos como lugares que possibilitam uma relação social entre os indivíduos, além da atratividade que esses espaços apresentam, visto que, a inexistência de uma determinada forma de uso permite aos sujeitos utilizarem o espaço da melhor maneira possível (RECHIA, 2008). Neste sentido, o espaço de lazer assume uma importância singular para a sociedade, por se caracterizar como um lugar de ponto de encontro e convívio social (MÜLLER, 2002). Contudo, muitas vezes, a falta de espaços e equipamentos de lazer conduz o entendimento do lugar como centro, meramente, de passagem para os pedestres, ao invés de um lugar de descanso, contemplação e entretenimento, tornando assim, um “não-lugar”, um espaço inadequado a qualquer tipo de identidade ou relação (AUGÉ, 1994).

Assim, é necessário pensar na (re)construção de espaços de lazer, produzindo significados e harmonia com as necessidades individuais. Sob este aspecto, acredita-se que os espaços não são pensados para se tornarem locais de permanência e convívio social, pois os mesmos são especulados pelos poderes públicos para a ampliação de locais de passagem e/ou circulação, como ruas de acesso e alargamento de avenidas. Nesta dimensão, quando os espaços são planejados com o objetivo de interação social e lazer, geralmente não apresentam estruturas necessárias para este fim (LIMA, 2006).

Portanto entende-se que os espaços de lazer, nas cidades, não se configuram como prioridade nas ações voltadas às políticas públicas, como também se observa o incremento de lugares privados destinados ao lazer, caracterizando um mecanismo da sociedade atual que gera problemas de ordem estrutural para os centros urbanos, pois, por um lado, encontra-se a falta de espaços públicos estruturados para vivências de lazer e, por outro, o uso dos espaços privados pode ser uma limitação a determinados níveis sociais. Para tanto, questiona-se: como os seres humanos vivenciam experiências de lazer por meio dos espaços arquitetados na cidade?

Assim, este ensaio tece uma reflexão sobre os espaços de lazer da cidade a partir da concepção de lugar, caracterizando-os e lançando desafios para que estes não sejam configurados sem nenhum significado para seus frequentadores. Nesta perspectiva, primeiramente, será discutido o crescimento das cidades, considerando as mudanças ocorridas no transcorrer do tempo, resultando em novos significados. Em seguida, serão debatidos os conceitos de lugar, ressaltando a importância de espaços de lazer, inseridos no cotidiano da cidade. E, por fim, será analisada a questão do lazer como um espaço de possibilidades para seus frequentadores, discutindo a importância deste fenômeno à luz da literatura científica.

O CRESCIMENTO DAS CIDADES: ANALISANDO OS NOVOS SIGNIFICADOS

As cidades são configuradas pelo aglomerado de múltiplas práticas sociais, pelas quais o sentido do espaço urbano, presente nas cidades, é apresentado como instrumento que caracteriza e dá significado ao cotidiano citadino. De fato, a cidade é uma organização dinâmica e diversificada, na qual suas partes interagem constantemente (RECHIA, 2005). Evidentemente a cidade é rodeada de contradições, podendo ser um lugar das disparidades socioculturais, em que as áreas de intersecção, entre a riqueza e a pobreza, necessitam ser adaptadas conforme as camadas sociais (SILVA, 2006). De maneira geral, pode-se descrever a cidade como um conjunto de características relativas à aglomeração de diferentes pessoas, com renda e cultura distintas, sendo considerado um laboratório de ideias, conflitos, união e solidariedade (VERÁS, 2001).

Neste sentido, avança-se na ideia do crescimento e interesses das cidades de forma acelerada, alterando o cotidiano e comprometendo a qualidade de vida e experiências de lazer, no qual é possível perceber que as cidades vêm perdendo os espaços horizontais. Não obstante, o desenvolvimento urbano, de forma irregular, traz danos ao meio ambiente e ao espaço urbano, conseqüentemente origina ambiente com baixa qualidade de vida, em que, muitas vezes, as possibilidades de espaços de lazer passam a ser restritas.

Em outro contexto, diante das funções atribuídas pelo consumo, os espaços tornam-se elementos de transformação, no entanto a tecnologia conduz a significativas alterações no ambiente da cidade. Assim, planejadores urbanos e geógrafos enxergam as modificações existentes entre a relação do homem e o espaço, devido às novas tecnologias, porém, ao mesmo tempo, altera modos de vida, percepções e apropriações

do espaço produzido e vivido (GRAEML, 2007). Portanto a tecnologia interfere no modo de utilização e apropriação dessa relação, em que o homem e o espaço estão interligados.

Face a toda essa discussão, o estudo de Maricato (2000) apontou que o crescimento acelerado das cidades conduziu a uma estruturação precária, pois, mesmo com a dinâmica da modernização, as cidades ainda não conseguem acompanhar esse processo, sendo um desafio para arquitetos e urbanistas. A esse respeito, o espaço urbano é representado pelas ações do presente e do passado, caracterizando como palimpsesto, no qual as marcas do passado permanecem registradas nos espaços atuais. Isto possibilita ao homem recriar e reestruturar o espaço a partir do que já existe (HARVEY, 2002).

Neste cenário, vale destacar que as demandas imediatas das cidades podem resultar em um problema no que se refere à condição de vida dos atores sociais, desta forma, devido à desordem econômica, o crescimento populacional e a baixa condição social são configurados pela precariedade da baixa qualidade de vida desses indivíduos, pela qual a atenção das autoridades públicas é considerada insuficiente, resultando na revolta e no aumento da violência urbana. De fato, as cidades passam a ser fragmentadas, sendo necessária uma requalificação, para assim, se difundir a ideia de um novo significado aos espaços urbanos, além de proliferar a diversidade e especificidade imprescindíveis na vida dos indivíduos.

Diante deste aspecto, é indispensável retomar as ideias de Bauman (2009), o qual reconhece que as cidades são marcadas pela heterogeneidade e diversificação. Isso pode significar que, quanto maior e mais heterogênea for, maior será a atração que ela pode proporcionar, oferecendo um número elevado de oportunidades. Porém, ao mesmo

tempo em que a cidade atrai, ela afasta, pois essa desordenada variedade, no ambiente urbano, torna-se um mecanismo de medo e incerteza devido ao processo desestabilizador da sociedade atual.

Neste contexto, as atrações da cidade são configuradas pela série de opções oferecidas aos seus moradores e frequentadores, porém, ao mesmo tempo, ela impede o partilhar destas opções devido às restrições, às desigualdades e medo do outro. Assim, a insegurança moderna, em suas diversas manifestações, é distinguida pelo medo dos crimes e criminosos, tornando o outro um suspeito (BAUMAN, 2009). Vale salientar que o medo do estranho não é novidade em nenhuma sociedade, podendo assumir várias faces e que, ao ser incompreensível, são atribuídas características até então inexistentes. O outro passa a ser considerado objeto de aceitação ou negação apenas quando existe um determinado grau de conhecimento por meio de uma relação de proximidade (BITTENCOURT, 2009).

Nesta dimensão, a violência urbana contribui para uma profunda exclusão socioespacial, perdendo o dinamismo do espaço público e da vida cidadina (SILVA, 2006). A falta de segurança, o medo e a incerteza ocasionam um distanciamento entre os indivíduos (FERREIRA, 2008). Assim, os indivíduos optam por habitar em condomínios fechados, sentindo-se mais seguros e confiantes. Nesta perspectiva, se inicia a divisão das cidades em zonas e espaços (BAUMAN, 2009) que, apesar da existência de separação territorial, as cidades continuam a proporcionar lugares de lazer, sejam eles públicos ou privados. Embora, comumente esses espaços são construídos sem a preocupação de quem irá utilizá-los, bem como, quais as oportunidades de experiências de lazer que poderão ser vivenciadas nesse lugar. Contudo ressalta-se que

o lazer é um fenômeno, tipicamente, urbano e se insere nessa complexa teia, que é a cidade.

Neste enfoque, a perspectiva desta análise remete a uma cidade com significados, sentidos e direções que se configura de forma acentuada como um lugar de encontros e desencontros, marcados por suas diferenças, complexidades e especificidades, sendo assim lugares únicos, de troca, de conflitos, conhecimentos, peculiaridades, experiências, produções e relações sociais.

CARACTERIZANDO O LUGAR A PARTIR DAS RELAÇÕES SOCIAIS

O fundamental, neste momento, é que existe uma diferença entre os espaços e os lugares. O primeiro remete uma ideia de amplitude, movimento e liberdade e, os lugares são caracterizados pela segurança, proximidade e humanização (TUAN, 1983). Porém, nesse estudo, os lugares e espaços são considerados sinônimos, compreendidos como locais e ambientes encontrados no cotidiano das cidades. No entanto, se quisermos ir mais além, convém inferir que, no dia a dia, formam-se relações sociais, conflitos, formas de produção e consumo do espaço. Nesta perspectiva, o espaço é configurado de trajetórias nas quais o movimento de pessoas, materiais e ideais são fundamentais para a produção e o desempenho dos espaços (MASSEY, 2000).

Assim, faz-se necessário pensar na produção do espaço, levando em consideração a vida, os lugares e o cotidiano dos atores sociais (GRAEML, 2007). Todavia, o homem necessita de um lugar, em que deva estar envolvido com as esferas da vida e aspectos sociais, culturais e ambientais. Deste modo, o homem necessita interpretar o ambiente por meio da busca de referências e orientações que contribuem para a construção da percepção do frequentador sobre o espaço. De fato, um ambiente,

quando, facilmente, interpretado, resulta em um lugar com boa legibilidade, apontando o grau de relação entre o habitante e a cidade, sendo um importante elemento na utilização do espaço (SCOCUGLIA; CHAVES; LINS, 2006). Também é preciso levar em consideração a relação entre o frequentador e o espaço, compreendendo uma relação configurada de sentido e representações.

Neste cenário, o lugar configura-se de significados e valores, sejam eles culturais ou interligados a práticas sociais (WILLIAMS, 2002). Todavia, de maneira significativa, nos dias atuais, existe uma nova organização e significação dos lugares pelas pessoas (PONTE; BOMFIM; PASCUAL, 2002). Antes, eram tidos como estáveis e garantiam a orientação e definição entre a relação das pessoas e os espaços, no entanto, perdem sua assiduidade, passando a não ter estruturas fixas, estando em um processo constante de negociação intersubjetiva e construção imagética. De fato, é importante pensar que os lugares não são estáticos, possuindo uma identidade singular traçada a partir do cotidiano, da diversidade e da ocupação do espaço.

Neste pensar, Augé (1994) classifica o lugar como histórico a partir do momento da existência identitária e relacional, definido por uma estabilidade, pela qual aqueles que nele vivem são capazes de reconhecer limites, sendo o lugar antropológico para eles na mesma proporção da história. Nesta perspectiva, o lugar aparece como um conceito capaz de expandir as possibilidades de compreensão de um mundo dividido e unificado em velocidades cada vez maiores (FERREIRA, 2000). O lugar é caracterizado como um espaço em que os homens se relacionam, vivem, pensam e se emocionam (SANTOS, 1994). Sendo assim, oferece possibilidades de uma realização mais eficaz, estabelecidas por relações afetivas e emotivas ligadas diretamente ao cotidiano e ao social.

Neste enfoque, o lugar também é definido como identitário na vida humana, pois, a partir da identidade do espaço, são construídas características culturais (CASTELLS, 1999). O autor comenta sobre a identidade como meio de vivência e sentido para as pessoas que constroem, tendo a base nas características culturais. Augé (1994) utiliza o argumento do lugar como “princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa”. Neste olhar, é criada uma identidade por meio de uma estreita relação do homem com o lugar, sendo este, um espaço que oferece possibilidades de experiências sociais. De maneira significativa, conforme o autor, o lugar é envolvido de sentidos próprios não se resumindo ao espaço físico, mas existindo uma relação de quem o habita. Portanto o lugar antropológico é compreendido como o lugar do “em casa” em que a identidade do lugar é compartilhada, sendo um lugar comum aos que habitam juntos e para aqueles que não os habitam são identificados como tais.

Nesta dimensão, observa-se a importância da relação entre a pessoa e o espaço, pois a identidade com o lugar torna-se mais nítida quanto maior for a ligação sentimental e afetiva que o lugar possa oferecer (GRAEML, 2007). Diante disso, no mundo atual “os lugares e os espaços, os lugares e não-lugares misturam-se, interpenetram-se”, de tal modo a probabilidade do não-lugar nunca está distante de algum lugar que seja, percebendo neste sentido, o não-lugar está intrinsecamente ligado ao lugar (AUGÉ, 1994).

De tal modo, é fundamental deixar clara a importância atribuída aos espaços de lazer nas cidades, pois buscam propagar uma relação entre o espaço e os indivíduos. Entretanto o indivíduo sobre o qual se discute hoje não é mais um sujeito com sua subjetividade e suas paixões; é uma pessoa mais divisível, tornando um verdadeiro

sentido de indivíduo, um sujeito que era cindido (BAUDRILLARD, 1991). Supõe-se assim a necessidade de (re)criar e produzir mais espaços que configurem uma relação social, individual e coletiva, uma vez que os indivíduos continuem a se identificar com o espaço, usufruindo as oportunidades que este possa proporcionar. Portanto esses lugares devem ter aparência agradável e harmoniosa para despertar a atenção da população em frequentar esses locais, dando ênfase em seus momentos de lazer, podendo os espaços proporcionar melhoria na qualidade de vida.

LAZER E ESPAÇO: POSSIBILIDADES DE UM LUGAR

Pretende-se apresentar aqui o lazer em uma dimensão da cultura, que consiste em vivenciar, ludicamente, as manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelos atores sociais, tornando um momento de contemplação, relaxamento, criatividade e diversão, além de contribuir para a saúde física, social, emocional e cognitiva (GOMES, 2008; FREITAS *et al.*, 2007; TRENBERTH, 2005). Sendo este um fenômeno, tipicamente, moderno, que surgiu a partir da Revolução Industrial (MELO; ALVES JUNIOR, 2003). É importante destacar o lazer como um direito de todos os cidadãos, a partir da Constituição de 1988 que reza em seu Art. 6º, Capítulo II, dos Direitos Sociais, que o lazer é um direito de todos, assim como a saúde, o trabalho e a segurança (BRASIL, 1988). Embora, muitas vezes, seja confundido como supérfluo, quando comparado a outras manifestações humanas (GOMES, 2008; MARCELLINO; BONFIM, 2006). No entanto, sabe-se que os direitos sociais estão sendo cada vez mais demandados e proclamados, e dentre eles, o esporte e o lazer estão inseridos (BONALUME, 2011).

É neste sentido que o lazer é uma conquista e não é reduzido a estratégias políticas e econômicas, sendo um fenômeno que busca uma valorização de lugar, de cultura e desenvolvimento. No entendimento de Elias e Dunning (1992), uma das características que possibilitam ao lazer satisfazer a necessidade de experimentar as emoções, sem se preocupar ou nem colocar em risco a organização social, é denominada elementos de lazer, em que se insere a sociabilidade, mobilidade e imaginação. Assim, para que essas emoções possam estar presentes nas atividades de lazer, é necessário um lugar para tais vivências. De fato, a relação entre as pessoas e os lugares caracteriza-se pelas possibilidades de experiências que o espaço possa oferecer aos seus frequentadores.

Nesta perspectiva, são notórias as dificuldades encontradas entre os indivíduos para suprir as necessidades básicas, as quais, muitas vezes, o lazer fica colocado à margem. Assim, as políticas sociais são necessárias, para garantir ações e direitos aos indivíduos (PINTO, 2008), como forma de minimizar a fragilidade social, tendo como estratégia garantir e aprimorar espaços e programas de lazer para o desenvolvimento da cidade neste âmbito. Sob esta ótica, as experiências de lazer, no espaço urbano, podem propiciar um estilo de práticas singulares no ambiente da cidade. A esse respeito, no desenvolvimento do planejamento urbano, observa-se um erro comum, de ignorar atividades que envolvam ações da vida cotidiana que necessitam ser desenvolvidas dentro do espaço urbano, com uma infra-estrutura compatível, mas que não se solidificam (SOARES JUNIOR; CARNEIRO, 2009).

Todavia as formas do espaço podem permanecer as mesmas, contudo, como a sociedade se insere em um contexto dinâmico, as configurações territoriais e de paisagem proporcionam, no decorrer da história, espaços diferentes, para usos também

diferentes (VERÁS, 2001). Neste sentido, de acordo com a autora, em apreço, os antigos espaços degradados das cidades, aos poucos, são revitalizados e reconstruídos como lócus de lazer.

Nesta direção, Tuan (1983) enfatiza que os seres humanos precisam de um espaço e um lugar, devido a suas vidas consistirem em um dialético movimento entre o refúgio e a aventura, a dependência e a liberdade. Assim, o lugar caracteriza a segurança, já o espaço, a liberdade (MASSEY, 2000). Neste sentido, o espaço-cidade passa a significar várias formas de relacionamento entre o sujeito e o lugar onde vive, pois esse espaço precisa ser reconhecido diante de uma dimensão humana, na qual a cidade e alguns de seus cenários expressem significados para seus moradores e usuários (RECHIA, 2006). Assim a autora analisou a relação entre lugares abertos/públicos e o cotidiano das cidades, partindo do pensamento de que esses espaços se originam por meio de uma necessidade de contato, comunicação, organização e troca entre as pessoas, estabelecendo uma estreita ligação entre a participação ativa e a vida nas cidades, que envolve ambientes que compreendem o próprio pulsar da vida na cidade.

Neste sentido, Jacobs (2001) reconhece que os parques não devem ser considerados como um presente ofertado a população carente das cidades, mas como espaços que necessitam de vida e de apropriação por parte dos moradores. Conforme esta autora, as pessoas que utilizam os parques consideram um sucesso e por outro lado, as que não usam compreendem como fracasso. Indo além, Rechia (2006) observou que nos parques, praças, centros esportivos e culturais a utilização dos espaços e equipamentos de lazer são experimentados em diversos pontos das cidades e

diferentes grupos de pessoas, nos quais a relação entre o sujeito e a ludicidade gera um estilo de práticas únicas no ambiente urbano.

Tal posicionamento conduz à reflexão da necessidade de espaços de lazer que revitalizem a cidade de maneira geral, sejam nas praças, parques e áreas verdes, possibilitando instituir uma identificação social de pertencimento ao determinado espaço. Nesta perspectiva, os estudos (CROMPTON, 2001; ARANHA-SILVA, 2004; BEDIMO-RUNG; MOWEN; COHEN 2005; TRENBERTH, 2005; OLIVEIRA, 2009; SILVEIRA; SILVA, 2010) apontam a importância dos espaços de lazer inseridos no cenário urbano, possibilitando experiências enriquecedoras nas diferentes dimensões, sejam elas sociais, individuais e coletivos, contribuindo para a qualidade de vida e ampliando e democratizando espaços que oportunizem encontros sociais, dando, destarte, vida à cidade. Neste sentido, as praças, as ruas, os jardins e os parques, com suas múltiplas funções, estão inseridos no sistema de espaços livres das cidades, e neles, a sociabilidade não pode ser deixada para um segundo plano (LEITE, 2011).

Sendo assim, a disponibilidade e o acesso aos espaços de lazer podem conceber novas relações sociais, pois, quanto maior o rol de experiências positivas que o lugar possa oferecer, maior será o número de utilizadores. De fato, o lugar de lazer é capaz de gerar relações individuais e coletivas, proporcionando o bem-estar, benefícios à saúde, qualidade de vida e convivência entre os habitantes da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços da cidade passam por transformações estruturais que resultam em problemas sociais, tais como desigualdade, violência, precariedade na qualidade de vida, separação e a descaracterização dos espaços existentes. Desta forma, o medo e a

angústia estão presentes entre os indivíduos citadinos, provocando o afastamento e a falta de relações entre os atores sociais. Para que a cidade possa ser considerada um lugar antropológico, permeado de sentido, significado e memória, é necessária uma transformação dos espaços, em que a cidade se configure, de ambiente diversificado e distribuído, em oportunidades de sociabilização, criando estratégias na qual os indivíduos estabeleçam relações de proximidade entre si e com os lugares.

De fato, os espaços citadinos devem ser configurados como formas para promover o convívio social, sendo encontradas e entrelaçadas a atração e rejeição, propiciando superar e/ou entorpecer tais rejeições. Entretanto os espaços existentes, na cidade, são importantes por expressar a vida coletiva, proporcionando oportunidades e transformações sociais. Além disso, sabe-se que os espaços de lazer podem configurar uma marca identitária da cidade, por possibilitar um reconhecimento positivo dentre uma perspectiva que incentiva e cultiva o espaço propiciador de vivências de lazer. Contraditoriamente, a ausência desses lugares faz com que exista uma falta de relação, comprometimento e pertencimento nos espaços de lazer.

Neste pensar, a relação com os espaços é facilitada por meio do que é oferecido, sendo necessário levar em consideração a localização, a condição dos equipamentos, a infra-estrutura, a acessibilidade, a segurança, os programas/projetos de esporte e lazer oferecidos, entre outros aspectos. De fato, é por meio dessas características que os indivíduos estabelecem uma relação de forma de uso e valorização do espaço, sendo significativo aos moradores da cidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA-SILVA, E. Lazer nos espaços urbanos. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, v.1, n.1m p.54-68, 2004.

AUGÉ, M. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994. 111p.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991. 201p.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 94p.

BEDIMO-RUNG, A.L.; MOWEN, A.J.; COHEN, D.A. The significance of parks to physical activity and public health - A conceptual Model. **American Journal of Preventive Medicine**, v.28, n. 2S2, p.159-168, 2005.

BITTENCOURT, J.B.M. "O Inferno são os outros": uma análise sobre o medo do estranho na cidade de Fortaleza (CE). **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.9, n.1, p.161-185, mar. 2009.

BONALUME, C. R. O paradigma da intersectorialidade nas políticas públicas de esporte e lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p.1-26, mar. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CASTELLS, M. **O poder da identidade - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 532p.

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p.

CROMPTON, J.L. The impact of parks on property values: A review of the empirical evidence. **Journal of Leisure Research**, v.33, n.1, p.1-31, 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Diefel, 1992. 328p.

FERREIRA, L.F.S. Apontamentos para uma reflexão sobre a ocupação dos espaços de lazer por grupos de resistência. **Conexões**, Campinas, v.6, n. especial, p.477-486, jul. 2008.

FERREIRA, L.P. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n.9, p.66-83, jul./dez. 2000.

FREITAS, C.M.S.M.; XAVIER, I.; CAMPOS, M.B.L.; MUNIQUE, I.; LEÃO, A.C.C. Tempo livre e lazer na juventude noronhense: influência na qualidade de vida e implicações sociais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.15, n.2, p.7-15, 2007.

GRAEML, K. S. **A relação entre lugares e não-lugares na cidade**: um estudo da apropriação do serviço de acesso à internet nos Faróis do Saber de Curitiba. 2007. 185 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GOMES, C.L. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Periódico Itinerarium**, Rio de Janeiro, v.1, p.1-18, 2008.

- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002. 49p.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 528p.
- LEITE, M.A.F.P. Um sistema de espaços livres para São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.25, n.75, p.159-174, jan./abr. 2011.
- LIMA, D.M.M.C. O espaço de todos cada um no seu lugar: o uso dos espaços públicos de lazer em Natal. In: CARVALHO, J.E. **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2006. p. 169-180.
- MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.2, p. 11-29, 2002.
- MARICATO, E. Urbanismo na Periferia do Mundo Globalizado. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.4, p.21-33, out./dez. 2000.
- MASSEY, D. Travelling thoughts. In: GILROY, P; GROSSBERG, L.; MCROBBIE, A. **Without guarantees: in honour of Stuart Hall**. London: Verso, 2000. p. 233-250.
- MARCELLINO, N.C.; BONFIM, A. M. Lazer e saúde, nos currículos dos cursos de graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v.14, n.4, p.87-94, 2006.
- MELO, V.A.; ALVES JUNIOR, E.D. **Introdução ao Lazer**. Barueri: Manole, 2003. 200p.
- MÜLLER, A. Espaços e equipamentos de lazer e recreação e as políticas públicas. In: MÜLLER, A.; BURGOS, M.S. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14, 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- OLIVEIRA, M.P. **Práticas corporais em meio à natureza: o caso do parque Barigui**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado)- Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- PINTO, L.M.S.M. Políticas públicas de lazer no Brasil: uma história a contar. In: MARCELLINO, N.C. **Políticas públicas de lazer**. Campinas: Alínea, 2008. p. 79-95.
- PONTE, A.Q; BOMFIM, Z.A.C.; PASCUAL, J.G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v.27, n.59, p. 345-354, out./dez. 2009.
- RECHIA, S. Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária na cidade de Curitiba. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.11, n.3, p. 49-66, set.dez. 2005.
- _____. O pulsar da vida urbana: O espaço, o lugar e os detalhes do cotidiano. In: CARVALHO, J. E. **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 91-102.

RECHIA, S. A Política de Lazer na Cidade: Em Pauta: “A Análise da Gestão dos Espaços em Distintas Realidades e Segmentos Populacionais”. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 20, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ENAREL, 2008, p.1-8.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994. 28p.

SCOCUGLIA, J.B.C.; CHAVES, C.; LINS, J. Percepção e memória da cidade: o ponto de Cem Réis. **Vitruvius**, São Paulo, jan. 2006.

SILVA, R.C.M. A urbanidade na cidade contemporânea entre fronteiras e trincheiras. In: SILVA, R.C.M. **A cidade pelo avesso - desafios do urbanismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Viana Mosley/ ProUrb, 2006. p. 23-40.

SILVEIRA, A.C.C.; SILVA, R.H.A. Os espaços de lazer na cidade: a política urbana de Belo Horizonte. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.3, p.1-42, set. 2010.

SOARES JUNIOR, A.A.; CARNEIRO, F.H.S. A apropriação dos espaços de lazer em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador, 2009, v.1, p. 1-14.

TRENBERTH, L. The role, nature and purpose of leisure and its contribution to individual development and well-being. **British Journal of Guidance & Counselling**, v.33, n.1, p.1-6, 2005.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.250p.

VERÁS, M.P.B.; MAURA, P.B. Tempo e espaço na metrópole: breve reflexões sobre assincronias urbanas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n.1, p. 3-12, jan./mar. 2001.

WILLIAMS, DR. Leisure identities, globalization, and the politics of place. **Journal of Leisure Research**, v.34, n.4, p.351-367, 2002.

Endereço dos Autores:

Emília Amélia Pinto Costa da Silva
Rua: João Machado, nº 90. Bairro: Prata
CEP: 58400510 – Campina Grande – PB
Endereço Eletrônico: milapcosta@hotmail.com